

ÊXITO INTERNACIONAL  
BESTSELLER DA AMAZON

«UM THRILLER  
ARREPIANTE,  
CARREGADO  
DE SUSPENSE.»

Kirkus Reviews

# CONDENADAS

Uma família assassinada durante o sono.  
Vinte e cinco anos de silêncio.  
Um mal que nunca desapareceu.

JESS LOUREY

AUTORA VENCEDORA DO ANTHONY AWARD



*Este livro é dedicado à Shannon,  
uma excelente escritora, participante de retiros,  
velocista e amiga.*

O bom de viver numa cidade pequena é que,  
quando não sabemos o que estamos a fazer,  
há sempre alguém que sabe.

— Frequentemente atribuído a Immanuel Kant

# CAPÍTULO 1

*Rannie*  
1984

Rannie entrou na floresta com o intuito de conseguir vislumbrar o que era proibido.

O coração batia com força, tal a excitação... e alguma culpa.

Inspirou profundamente. Gostava do cheiro da floresta no outono, como se Deus a tivesse esfregado com xarope de ácer. E não era apenas o aroma. De certa forma, o ar fresco do outono parecia mais *próximo*. Penetrava as suas roupas em busca de um abraço. Sentia-se tão animado que estava prestes a dar um pontapé numa pedra — tinha 8 anos, a sua felicidade precisava de um escape —, mas subitamente percebeu que o que tinha diante de si não era uma pedra.

Era uma tartaruga.

E não era uma tartaruga comum. Aquela tinha o dorso abaulado, salpicado em tons de verde-escuro, as placas da carapaça dispostas num belo padrão de favo de mel.

— Não devias estar aqui, menina — disse ele com a sua voz aguda de menino, enquanto se agachava. Sobre si pairavam carvalhos e olmos sobranceiros de folha vermelha, castanha e dourada, matizadas pela luz que se esvaía. — Não aqui na floresta, e não quando está a escurecer. Isto não é sítio para uma tartaruga.

Rannie olhou para oeste, na direção de onde a tartaruga tinha vindo. Tinha orgulho em saber orientar-se. Era o que as pessoas diziam sobre Randolph Tervo — «Rannie» para os conhecidos —, que mesmo vendado nunca se perderia na floresta. Era assim que ele sabia que a tartaruga tinha vindo do pântano.

Bateu na sua carapaça ao de leve com a unha. *Clique, clique.*

— Posso levar-te para mais perto do rio — disse —, que é para onde estavas a ir, caso não saibas. Mas não posso chegar muito perto da água. Nem do rio para onde vais, nem do pântano de onde vens. Prometi que não o fazia. Aceitas? — A tartaruga esticou o pescoço na sua direção. Ele ficou encantado ao ver que ela tinha uma mandíbula amarela. — És mesmo linda...

Pegou nela para espreitar a parte de baixo da carapaça. Cor de chocolate com pincladas de preto. Deu uma olhadela rápida antes de a pousar no chão. Também não gostaria que alguém pegasse nele para examinar a *sua* barriga.

*Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.*

O seu irmão mais velho, Veli-Pekka — Pekka para os amigos e familiares, sinónimos em Alku —, tinha-lhe ensinado isso mesmo. Poucas coisas ficavam na cabeça de Rannie, mas aquela frase ganhara raízes; isso e «norte-sul-este-oeste».

Olhou para o caminho na direção em que seguia: Sandwich Rock. Era onde Pekka estava agora, e talvez uns vinte minutos de caminhada bastassem para chegar até ele. Ou melhor, *até ele*, não. Pekka tinha sido claro ao dizer que ele e o seu amigo iriam acampar sozinhos na floresta naquela noite. *Coisas de homens*, às quais um menino não devia ser exposto. Rannie fora proibido de se juntar a eles.

Pekka não o tinha dito com maldade, por isso Rannie decidiu ir até lá na mesma.

Embora tivesse ponderado se gostaria que alguém *o* espiasse.

Era por isso que estava a sentir alguma culpa, e era por isso que só agora se tinha aventurado pela floresta, quando o céu já ganhava os seus tons de ameixa. Tinha demorado aquele tempo todo a decidir que não se importaria se alguém quisesse vê-lo a fazer coisas. Que diabos, ele *adorava* ter companhia. Qualquer pessoa de Alku o podia confirmar: Rannie Tervo tem sentido de orientação e gosta de pessoas.

Ainda agachado, espreitou através da floresta sombria. Uma coruja piou por cima dele. Rannie ignorou-a. O rio ficava a trinta minutos a pé para leste e, se tivesse de levar a tartaruga, teria mesmo de caminhar devagar. Os animais que caminham não gostam de correrias (muito menos as tartarugas), Rannie sabia disso.

Resmungou. Não tinha alternativa. Não podia deixar a tartaruga à mercê dos elementos, não com a noite a cair, não naquela floresta cheia de animais famintos. Pegou nela e avançou para as árvores folhosas e pinheiros, tentando não pensar em todos os insetos que provavelmente ia pisando ou nas *coisas de homens* que estava a perder; e tentava sobretudo não pensar em como era assustador estar sozinho na floresta à noite.

Continuou a andar até ouvir o som do rio.

— Não posso ir mais longe, menina — disse, colocando-a gentilmente no chão. A tartaruga começou imediatamente a afastar as folhas, naquela que seria a sua versão de uma fuga. Ele sorriu. Assim que viu que ela ficaria em segurança, voltou a correr para o caminho tão depressa quanto as suas pernas roliças o permitiam. Tropeçou algumas vezes. Voltou a levantar-se. Lançou-se numa nova corrida, sem se preocupar em limpar os joelhos ou as mãos.

Quase no caminho principal, um galho pesado partiu-se atrás dele. Parou de repente, com o coração a bater nos ouvidos. Era a única coisa que temia. É claro que já ouvira histórias sobre o monstro. Veri Noita. A mãe não o deixava frequentar a escola na colina, por mais que ele implorasse (*Não sejas estarola, esquece lá a escola*), mas todas as crianças de Alku estavam a par da bruxa finlandesa, do facto de ela correr pela floresta e pelas ruelas da vila durante a época da ceifa, à procura de crianças malcomportadas cujos dedos dos pés comia como uvas. Nenhum dos miúdos acreditava nela, pelo menos era o que diziam a Rannie quando os deixava em sua casa para brincar, mas era fácil ser corajoso quando havia a mãe de alguém e uma luz por perto.

— Está aí alguém? — sussurrou.

Nada.

Estremeceu, engolindo o nó de medo que se formara na sua garganta, e saiu a correr da floresta diabólica. O Sol já se tinha posto completamente e o ar arrefecera quase de imediato. Ainda bem que se tinha agasalhado com uma camisa de flanela grossa e um gorro de lã. Puxou o gorro para baixo e olhou para trás, para a floresta de onde acabara de sair: nenhum movimento, apenas camadas sombrias de escuridão. De certeza que não havia nenhuma bruxa escondida a assombrar a floresta em busca de crianças para levar (*A tua imaginação vai deixar-te em apuros, um dia destes pagas com juro*), mas e se fosse um urso? Ou um lobo? Enfiou a mão no bolso, à procura do canivete *Victorinox* do bisavô. Encontrou-o, liso e pesado. Tocar-lhe acalmou imediatamente os cavalos selvagens da sua mente. Respirou fundo. Olhou para a pálida meia roda da lua crescente que nascia a leste.

Era o suficiente para iluminar o seu caminho.

Endireitou os ombros e seguiu em direção à Sandwich Rock, avançando rapidamente, agora que estava de volta ao caminho.

A Sandwich Rock era uma colina cheia de rochas cinzentas, do outro lado de um campo aberto, mas recebera aquele nome graças a duas rochas específicas. A de baixo era grande como um carro, redonda e lisa como um seixo gigante. Por cima, tinha uma rocha quase idêntica, ligeiramente inclinada para a frente. A formação lembrava uma grande sandes de pedra, estando a fatia de cima um pouco desalinhada, quase como se fosse possível empurrá-la. Não passava de uma ilusão. A rocha não ia sair dali tão cedo. Rannie e Pekka tinham escalado cada centímetro e a rocha de cima nem se mexera.

Rannie e o irmão costumavam ser unha e carne, mas agora que Pekka entrara para a universidade, tinha a sua própria vida. Pelo menos, era o que dizia ao irmão mais novo, embora parecesse ficar triste ao fazê-lo. Desde então, Rannie não via Pekka com a frequência que gostaria. Na verdade, era tudo o que

tencionava fazer. Observar Pekka e o seu amigo da universidade, Hector, a acampar.

*Ver Pekka sem incomodar Pekka.*

Eles nem dariam por si. A menos que quisessem, claro. A menos que Pekka dissesse algo como: *Gostava mesmo que o meu irmão estivesse aqui.* Rannie saltaria então dos arbustos, sorridente e pronto para receber um abraço.

Rannie sentiu o cheiro da fogueira antes de ver as chamas; o aroma rico evocou a segurança do lar. Correu para a orla da clareira, onde o seu irmão tinha montado uma tenda diante da Sandwich Rock. Era um bom local. Não só as rochas eram resistentes, como a ligeira saliência da pedra superior oferecia proteção contra as intempéries. A fogueira crepitava a poucos metros da tenda e as suas línguas alaranjadas lambiam o ar, hipnotizando Rannie.

Estava um homem sentado junto à fogueira, e o outro estava de pé.

— É a tua vez — disse o que estava sentado. Não era Pekka. Era Hector. Rannie já o havia conhecido. Pekka levava-o lá a casa, apresentara-o como o seu «bom amigo» e pedira a tenda e alguns sacos-cama emprestados. Hector tinha olhos escuros e um sorriso simpático. Fizera questão de falar com Rannie, perguntando-lhe se estava a ter um bom dia.

Rannie pensava em como seria bom ter um amigo como Hector quando percebeu que estava parado no meio da clareira como um pato à espera de levar um tiro, ainda que estivesse a uns bons quarenta metros do acampamento. Correu para trás de um pinheiro, sentindo imediatamente o seu cheiro forte e líquido de polir móveis, e expôs apenas os olhos para espreitar.

— Já chega — disse Pekka. Estava a balançar, com as mãos estendidas em direção à fogueira.

Rannie semicerrou os olhos. Parecia o seu irmão a falar, mas não parecia a voz dele. As palavras eram pesadas e troantes, como

se quisessem levantar-se, mas não conseguissem. O Pekka que Rannie conhecia era sempre confiante, com uma voz nítida e clara. Seria mesmo ele? A luz da fogueira projetava sombras no seu rosto.

Do outro lado do campo, Hector riu-se.

— O jogo foi ideia tua — disse. As suas palavras também eram pesadas, mas não se misturavam como as de Pekka. — E como foi ideia *tua*, não podes desistir. — Ergueu uma garrafa. O líquido refletiu com tons de mel à luz das chamas.

*Whisky.*

Os ombros de Rannie relaxaram. Se beber era o que os homens de 20 anos faziam em segredo, isso era tão emocionante como ver pão a fermentar. Esperava algo melhor. Missões secretas, batalhas épicas ou corridas de sacola com três pernas. Rannie tinha visto isso na escola, enquanto espiava os miúdos a brincar, e parecia ser muito divertido.

— Tá calado, pá — disse Pekka —, ou a bruxa finlandesa ainda te apanha. Ela não gosta de más influências.

A atenção de Rannie pôs-se em sentido. Nunca tinha ouvido Pekka falar sobre a Veri Noita sem ser nos livros de contos de fadas que lhe lia quando ele era pequeno, enquanto os pais participavam nas reuniões.

*Reza as tuas orações e vai para a cama a horas quando houver uma ceifa, ou a Veri Noita vai roer-te os dedos dos pés!*

— Sim, sim! — disse Hector, entre risos. — Respondo à tua bruxa finlandesa com a minha La Llorona.

Rannie gostou de ouvir o calor na voz de Hector, quase um ronronar, quando disse *yarona*.

— Ousas desafiar a Veri Noita no seu próprio território? — exclamou Pekka, usando a mesma voz de zanga fingida que usava quando lia histórias ao irmão. — Tem cuidado!

Hector soltou algumas gargalhadas genuínas.

— Caramba, afinal *tens* sentido de humor. Já começava a duvidar.

Pekka riu-se. Com um gesto, recusou a garrafa de whisky que Hector ainda lhe oferecia.

— Volto já.

Pekka desapareceu atrás da Sandwich Rock, longe da vista de Rannie.

— O Pekka vai mijar, o Pekka vai mijar — começou Hector a cantar baixinho, enquanto cutucava a fogueira com um galho. As faíscas dançaram. — Ouve lá — chamou ele por cima do ombro —, trouxeste as batatas fritas?

Batatas fritas! Rannie adorava batatas fritas. A mãe não deixava entrar comida processada em casa, mas às vezes Pekka conseguia levar alguma às escondidas. Rannie observou atentamente Hector enquanto este remexia o monte ao seu lado — uma mochila? —, antes de se levantar e avançar cambaleante para a tenda.

— O Pekka vai mijar — murmurou Hector, trôpego. O som do fecho da tenda rasgou o ar. Hector desapareceu lá dentro. — Encontrei! — gritou. — Encontrei as batatas fritas!

Naquele momento, um riso agudo perfurou os tímpanos de Rannie como a ponta afiada de uma chave de fendas.

Não era um riso, percebeu, sentindo o sangue a gelar nas veias.

*Uma gargalhada.*

Pestanejou rapidamente diante do fogo caleidoscópico, abandonando a cabeça como um cão. Viu o lampejo de algo preto e rápido atrás das chamas, e foi imediatamente invadido por uma onda de terror, seguida de uma sensação de entorpecimento. Estaria o ar a ficar enevoado? E quente também. Sentiu um aperto no peito e estendeu a mão para o pinheiro, tentando apoiar-se. Queria deitar-se, mas um som ensurdecido e ancestral vindo da Sandwich Rock — algo a raspar — fez a sua pulsação disparar. Virar-se para ver o que era exigiu um esforço tão desmesurado que o suor começou a brotar-lhe na testa. Queria adormecer, mas sabia que não podia, não agora.

Porque a rocha de cima estava a balançar.

*Impossível.* Seria um terramoto? Rannie nunca tinha sentido um, mas todos sabiam que Alku tinha tremido no dia da sua fundação, em 1881. Rezava a história que era a terra a dar as boas-vindas aos finlandeses, que chegavam ao seu novo lar.

Mas não era a terra que se movia.

Era só a rocha superior. Era, não era? Ou estaria a enorme rocha imóvel, enquanto tudo o resto se inclinava?

Rannie caiu de joelhos, sentindo-se subitamente demasiado cansado para ficar de pé. Apetecia-lhe vomitar.

— A rocha — gritou. Ou, pelo menos, quis gritar, mas a Veri Noita tinha-lhe roubado a voz. Era isso, não era? O monstro estava ali para ceifar Hector por tê-la desafiado. Também tinha conseguido enfeitiçar Rannie, fazendo-o sentir que estava a morrer. Apertou os dedos dos pés dentro das botas. Queria dizer-lhe que era um miúdo de Alku, que o seu sangue era puro, que era finlandês de corpo e alma, e um bom menino, mas estava tão exausto que tudo o que conseguiu fazer foi deitar-se sobre a caruma e fechar os olhos.

*Não. Não. Não.*

A palavra ecoou na mente de Rannie, primeiro em surdina e depois cada vez mais alta. Sentou-se lentamente, inclinando-se para espreitar e esfregando o rosto. A caruma que tinha caído do pinheiro fazia-lhe comichão na cara. Pekka estava ajoelhado do lado oposto da clareira, abanando o corpo para a frente e para trás.

Havia algo de errado.

Rannie demorou um instante a perceber o que era.

A rocha superior da Sandwich Rock tinha deslizado e caído em cima da tenda e da fogueira, destruindo ambas.

Não se via Hector em lado nenhum.

— Não. Não. Não.

— Pekka? — Rannie levantou-se e cambaleou em direção ao irmão. — Estás bem?

— Não, não, não, não, não... — Pekka estava a chorar. De frente para Rannie, a Lua delineava o contorno do seu crânio. Rannie notou o modo como Pekka se parecia com o pai naquele momento. Velho. Triste.

— O que foi, Pekka? — Rannie estava suficientemente perto para tocar no ombro do irmão. — Onde está o Hector?

Os olhos de Pekka arregalaram-se.

— Tu — disse Pekka, sobressaltando-se. Parecia uma acusação, mas a sua voz suavizou-se, resignada, compreensiva. — *Tu*. Há quanto tempo estás aqui?

Rannie encolheu os ombros. Apontou para a rocha de cima, agora virada ao contrário ao lado da rocha de baixo.

— O teu amigo está ali debaixo?

Pekka estremeceu e levantou-se. Quando falou, fê-lo num tom sério e amedrontado.

— Temos de voltar para a vila. Temos de pedir ajuda.

Rannie franziu o sobrolho.

— Se o Hector está ali, ficou esmagado como uma lagarta. Achatado. Mais achatado do que uma panqueca. Não há pressa. — Subitamente, Pekka pareceu assustado. Rannie não gostou disso. — O monstro apareceu?

Um barulho na floresta assustou-os. Parecia ser algo grande, arrastando-se na direção oposta.

— Sim, companheiro — sussurrou Pekka. — Apareceu, sim.

## CAPÍTULO 2

O agente do BCA Harry Steinbeck regia a sua vida segundo três princípios:

1. A perspicácia depende da estruturação.
2. A estruturação proporciona segurança.
3. A segurança implica manter os outros afastados.

Se mantivesse os seus mundos separados — a sua atual vida ascética como cientista forense do Bureau of Criminal Apprehension, ou BCA, e o seu passado como adolescente cuja irmã tinha sido raptada — e se seguisse esses três princípios, sobreviveria. Mas agora, pestanejando diante da faixa pendurada por cima da entrada do hospital, cujas bordas estavam adornadas com ovos da Páscoa em tons pastel e carneiros de focinho cor-de-rosa, um frio pegajoso espalhou-se pelo seu estômago.

### ESTA É A ÉPOCA DO PERDÃO

Aquelas palavras carregavam uma ironia cruel aos olhos de Harry, um homem que regressava ao seu passado pela primeira vez em anos. Recordavam-no que a dita muralha que construíra entre os seus mundos era, afinal, feita de papel de seda. Julgara que poderia manter o Antes e o Depois em compartimentos estanques, que se fizesse os telefonemas obrigatórios para a mãe — Natal, Dia da Mãe, Dia de Ação de Graças, aniversários — e a levasse a jantar uma vez por ano num restaurante à escolha dela em Saint Paul, seria capaz de manter as águas separadas.

Mas ei-lo ali, de volta a Duluth, com todas as suas esperanças reduzidas a nada.

A sua parceira, a agente Evangeline Reed, apontou para a faixa com o queixo enquanto apalpava os bolsos do casaco.

— Um hospital católico. Estou a ver que têm autorização para fazer publicidade a Jesus.

O som distante de um carro a acelerar chamou a atenção de Harry. O céu do início de tarde estava nublado e a rua coberta de neve. Duluth, uma cidade portuária no norte do Minnesota, tinha sido atingida por uma nevasca de violência incomum na noite anterior. A neve que cobria os passeios dava pelas coxas e, nos beirais do telhado do hospital, brilhavam pingentes de gelo de aparência sinistra, como luzes funestas. O hospital em si era um edifício grande e moderno, com vários andares e janelas amplas iluminadas por dentro.

— Tens pastilhas elásticas? — perguntou Evangeline.

— Não. — Harry fez uma careta. — E nunca terei.

A porta de entrada do hospital era automática, pelo que não podia abri-la para a colega, mas ficou para trás para que ela pudesse entrar em primeiro lugar. Afrouxou o cachecol azul-escuro de caxemira e desabotoou o casaco de lã merino, antecipando ser demasiado para o interior. Foi recompensado quando o barulho da porta deslizante libertou uma onda de calor e o cheiro forte a desinfetantes se misturou com o ar frio e revigorante do exterior. Foram envolvidos pelas conversas e sons característicos de uma sala de Urgências lotada. Harry observou as costas direitas e os ombros fortes de Evangeline, o seu cabelo louro, quase branco, apanhado num rabo de cavalo apertado no cocuruto. Tinham dado alguns passos para desenvolver uma amizade após a resolução do último caso em que haviam trabalhado juntos, um duplo rapto ocorrido nos anos 80 que a imprensa designara de «Raptadas». Se não despa-chassem a viagem ao Norte num ou dois dias, a incipiente relação poderia ficar em risco.

Evangeline não sabia o que ele tinha feito quando morava ali.

Os ombros dela ficaram tensos, como se conseguisse ler os pensamentos do colega.

— Estás a sentir este cheiro? — perguntou, enquanto examinavam as Urgências.

O risco de se contrair gripe aumentava três por cento numa sala de espera de hospital; treze por cento, no caso de sarampo. Harry levou a mão ao bolso para tirar o desinfetante de mãos. Sabia que não valia a pena oferecer a Evangeline.

— O quê?

— Medo. Sangue. Álcool etílico. — Estremeceu. — Preferia ficar nua num palco a ter de entrar num hospital.

— E, ainda assim, achaste por bem tornar-te inspetora.

Harry fez o comentário em surdina, enquanto acenava com a cabeça para um agente do outro lado da sala. De onde estava, não conseguia dizer se a farda do homem era azul-escura ou preta. Esfregou o antisséptico nas mãos, voltou a guardar a embalagem no casaco, tirou uma máscara nova do bolso e colocou-a sobre a boca antes de seguir Evangeline pelo corredor movimentado. Algumas cabeças viraram-se quando eles passaram.

Eles ignoraram-nas.

— Os inspetores de homicídios não passam tanto tempo na morgue como as séries querem fazer crer — disse Evangeline por cima do ombro, elevando a voz para ser ouvida. O seu tom era severo, mas apenas provocatório.

Pelo menos, assim Harry o esperava. Sentiu um aperto no peito. Ela achava mesmo que ele aprendia o que fosse com *séries*? Suspirou, percebendo que tinha de ter a certeza. Elevou a voz para se fazer ouvir por cima do caos da sala.

— Tens noção de que eu sei mais ou menos como é que um inspetor de homicídios passa os seus dias, certo?

Não que o seu ego precisasse que ela reconhecesse a sua inteligência. Longe disso. No entanto, aquele era o primeiro caso que

encabeçariam juntos. Era crucial que compreendessem o que o outro sabia. Evangeline tinha sido inspetora de homicídios na Polícia de Minneapolis durante dez anos, antes de se tornar agente de elite no BCA. Harry era um cientista forense com quase vinte anos de experiência na recolha e processamento de provas. Tinha trabalhado em estreita colaboração com as polícias de todo o estado e era o cientista a quem todos recorriam quando o local do crime era particularmente complexo.

Por isso, ele sabia quanto tempo passavam, em média, os inspetores na morgue.

Precisava que Evangeline soubesse que ele sabia.

O caso exigia isso, e Harry Steinbeck dava tudo de si aos seus casos.

— Evangeline? — insistiu, não tendo resposta dela.

A colega gemeu de forma dramática.

— Por amor de Deus, Steinbeck! Para que esta parceria funcione sem que eu te estrangule enquanto dormes, vou precisar que ganhes um *nadinha* de sentido de humor. — Ergueu a mão, quase juntando o polegar e o indicador. — Não é preciso muito. Só um *nadinha*. É claro que sabes quais são os deveres de um inspetor. Foi uma piada. Sabes, aquilo que os seres humanos dizem uns aos outros para aliviar a tensão? Ou o teu disco rígido não veio com esse chip?

Harry conteve um sorriso. Estavam quase a chegar ao outro lado das Urgências. A maioria das pessoas à espera parecia sofrer de uma mistura de ferimentos e lesões relacionados com o uso de pás e sopradores de neve, de costas curvadas ou com as mãos envoltas em toalhas ensanguentadas, e, para rematar, uma pitada do que pareciam ser vírus gástricos.

— Devem ser os agentes Steinbeck e Reed — disse o homem fardado quando se aproximaram dele, abandonando o seu posto em frente a uma porta com a indicação «Acesso Condicionado». Apertou a mão de Evangeline e depois a de Harry, que ficou

satisfeito com o facto de o agente ter começado por Evangeline. Era um gesto simples, valorizar uma agente, mas nem todos os polícias o faziam.

— Muito gosto — disse Harry.

— Greg Davidson. — Teria os seus vinte e muitos anos, uma cara larga e honesta, e um aperto de mão firme. — Se me acompanharem, posso levá-los à morgue. A médica-legista acabou de iniciar a autópsia, mas o inspetor Emery pode fazer-vos um ponto de situação, caso seja necessário. — Com isto, abriu-lhes a porta.

*Numa maçaneta comum existem mais de uma dezena de colónias bacterianas.* O pensamento surgiu espontaneamente; Harry tratou de o reprimir.

— Quando é que a vítima foi trazida? — perguntou Evangeline ao passar por ele, tirando uma das luvas com os dentes antes de sacar de um bloco de notas do bolso.

Davidson esperou que a porta de segurança se fechasse, reduzindo o nível de ruído em pelo menos setenta decibéis, para responder.

— Por volta da meia-noite de ontem.

Fez um gesto para que o seguissem pelo corredor branco, iluminado por lâmpadas fluorescentes que zumbiam.

— E quem é que o encontrou? — perguntou Evangeline, ficando para trás.

Harry tinha recebido a informação nessa manhã, quando o superintendente-adjunto Ed Chandler lhe perguntara se estaria disposto a deslocar-se até Duluth a pedido de um inspetor chamado Dale Emery. Harry quase se recusou a ir. Cada viagem de volta ao Norte era uma oportunidade de ser descoberto, de ser associado à verdade sobre o seu passado.

Mas, ao passar os olhos pelo ficheiro, percebeu que não podia recusar.

*Não resolvido. Vítimas juvenis.*

O inspetor Emery tinha solicitado um agente especializado em casos arquivados e alguém do departamento forense. Quando Chandler lhe perguntara o que achava de trabalhar com Evangeline no caso, respondera que teria todo o gosto. E era verdade. Evangeline era uma boa agente. Harry pusera-a a par de tudo durante a viagem.

O que ela estava a fazer agora — confirmar se os pormenores que o agente Davidson partilhava batiam certo com o que lhes tinha sido dito — era sinónimo de bom trabalho de investigação.

— Quem descobriu o corpo foi a rapariga que entregava pizzas — disse Davidson, com uma mão apoiada no cinto. — Às 23h54 de ontem.

— Bela filha da putice — disse Evangeline enquanto tirava a outra luva e a enfiava no bolso.

— Perdão?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Mandar vir pizza durante uma tempestade de neve.

O lábio do agente estremeceu, mas ele não respondeu.

— Acreditamos que a rapariga não presenciou o homicídio por uma questão de minutos. Disse-nos que talvez tivesse visto alguém a sair, mas não tinha a certeza. A neve estava a cair forte e feio. A porta estava entreaberta quando ela chegou, as luzes todas apagadas. A rapariga bateu. Ninguém respondeu. Ela espreitou, mas não viu ninguém. Pelo menos, ao princípio. — Tossicou. — Foi quando ela viu aquilo no chão.

— Aquilo? — O tom de Harry deixava claro o seu desapeço pela escolha da palavra. As vítimas nunca perdem a sua humanidade, estejam vivas ou mortas.

— Tem razão. Quando *o* viu no chão. — O tom de voz do agente Davidson era sombrio. — Mas quando perceberem o que restou dele, vão compreender porque é que «aquilo» faz mais sentido.

— Leve-nos lá — disse Harry.

## CAPÍTULO 3

O inspetor Dale Emery voltou-se para eles, virando as costas à janela de observação da sala de autópsias. Devia ter cerca de 35 anos e era um pouco mais alto do que Harry — talvez pouco mais de metro e oitenta — e magro. Tinha um nariz pronunciado, um sorriso fácil e patilhas grossas que não destoariam num Elvis dos anos 70.

Estendeu a mão aos dois, tal como Davidson havia feito.

— Obrigado por terem vindo. — Acenou com a cabeça para a janela. — Verão que não é uma autópsia normal.

Harry posicionou-se à esquerda de Emery, Evangeline à direita. A autópsia estava a ser realizada num homem branco deitado numa mesa. A patologista estava de costas para eles e inclinada sobre a cabeça da vítima, ocultando-a. O corpo estava coberto pelo que à primeira vista pareciam manchas de sujidade, com um conjunto de ferimentos na barriga e no peito. A incisão em Y ainda não fora feita, o que significava que a patologista estava a concluir o exame exterior.

As suas observações emanavam do altifalante à medida que as fazia, com a voz trémula.

— Tatuagem de um demónio da Tasmânia, ombro esquerdo superior. Um quelóide de 7,5 centímetros abaixo.

Harry tinha o cachecol solto à volta do pescoço e o casaco de inverno dobrado no braço. Vestia uma camisa Oxford creme e uma gravata azul decorada com peças de xadrez douradas. As gravatas eram uma das poucas extravagâncias a que se permitia.

— Não é normal em que sentido? — perguntou.

Foi então que a patologista se deslocou e revelou a cabeça da vítima.

Ou o que restava dela.

— Caraças — murmurou Evangeline. Tinham-lhes dito que havia uma lesão craniana traumática além dos ferimentos de bala, mas não em que grau.

— Pois. — O inspetor Emery cofiou uma patilha. — Parece que alguém enfiou aquilo numa máquina de picar carne.

Lá estava aquela palavra outra vez. *Aquilo*.

— Nome da vítima? — perguntou Harry, embora já o soubesse.

— Peter Gordon Weiss, de 1472 Superior Way.

Harry teria preferido estar na sala de exames para ver mais de perto, mas o Bureau of Criminal Apprehension não tinha jurisdição. Era um departamento exclusivo do Minnesota, criado em resposta aos *gangsters* de Chicago que aterrorizavam a região na década de 1920. Começou por ser um organismo pequeno, essencialmente uma equipa de apoio itinerante destinada a ajudar as autoridades policiais de todo o estado, a seu pedido. Foi acrescentada uma divisão de estatística na década de 1930 e, em 1947, o BCA construiu o primeiro laboratório de ciência forense da região. Depressa se tornou um dos melhores do país, famoso pelo processamento de cenas de crime e análise de provas. Desde então, o BCA não só crescera em termos de agentes e sucursais, como também fundara um dos primeiros departamentos dedicados a casos arquivados do país.

Os seus agentes realizavam um trabalho importante, mas a falta de jurisdição significava que tinham de agir com cautela. Fazia parte da natureza humana ser territorial, e os polícias não eram exceção.

— Tem mais informações sobre as armas utilizadas? — perguntou Harry.

Emery coçou o nariz.

— Para esmagar a cabeça? Não faço ideia. O nosso palpite em relação aos buracos no corpo é que foram feitos por chumbo grosso

de uma espingarda de calibre .12, a média distância. — O cotovelo do inspetor apontou para a sala de exames. — Saberemos com mais certeza quando isto estiver despachado.

— Caramba, uma espingarda? — Evangeline inclinou-se tanto para o vidro que acabou por lhe tocar com a testa. Ainda tinha o casaco vestido, embora aberto. Os habitantes do Minnesota sabiam que não deviam guardar a roupa de inverno antes de maio, por causa de tempestades de neve repentinas como a da noite anterior, mas Evangeline nem sequer tinha tirado o casaco do carro. Harry viu-a a pegar nele diretamente do banco de trás quando chegou ao apartamento dela nessa manhã, antes de partirem na viagem de duas horas e meia para norte. Um saco de papel do McDonald's e duas garrafas de água vazias caíram de dentro do *Toyota* juntamente com a *parka* preta, cujos bolsos ela revistava agora.

Harry duvidava que ela tivesse recolhido o lixo caso ele não estivesse a olhar.

Por outro lado, do pouco que sabia dela, a agente de casos arquivados Evangeline Reed não fazia muitas coisas contra a sua vontade. Parecia imune à pressão social, sobretudo quando se tratava de organização. Embora os seus hábitos desorganizados o deixassem nervoso, ele nunca notara que tal afetasse o trabalho dela. Desconfiava que fossem uma estratégia por ela adotada para manter as pessoas à distância ou uma espécie de rebelião contra o ambiente repressivo em que fora criada.

Até aos 17 anos, Evangeline vivera numa comuna dirigida por Frank Roth, um homem cruel, ainda que carismático. Tinha conseguido fugir quando os agentes federais prenderam Roth por evasão fiscal. A prisão fora um circo mediático. As mulheres e raparigas da «Quinta do Frank» viram-se obrigadas a desfilar diante das câmaras, todas elas com indícios de choque, todas elas envergando vestidos largos de tecido cinzento e com o cabelo apinhado num coque. Uma fotografia de Evangeline com os olhos

arregalados fora capa da *Time*, com a manchete «Comunas à Porta de Casa».

Ver aquela imagem causara um aperto no coração de Harry, embora ainda não a conhecesse.

Evangeline afastou-se da janela de observação, longe de adivinhar a divagação mental do colega.

— A patologista examinou aquelas manchas roxas antes de chegarmos?

Emery lançou-lhe um olhar. A baixa estatura e o cabelo louro-claro de Evangeline davam a impressão de que ela era mais jovem e menos capaz do que realmente era. Harry ponderou se o inspetor Emery cometeria o erro de a subestimar.

Se sim, estaria por sua conta e risco.

— Sim — disse Emery —, mas não quis especular sobre uma possível causa.

Harry concordou. O trabalho de um cientista era observar e registar, não dar palpites, pelo menos não numa fase inicial da autópsia. Um exemplo disso era o padrão de manchas. À primeira vista, parecia sujidade ou respingos de sangue, mas um olhar experiente conseguiria detetar o que parecia ser um inchaço por baixo de cada mancha de descoloração. Ficou impressionado, ainda que não espantado, por Evangeline ter percebido isso.

— Gostaríamos de levar as roupas e as amostras de líquidos para Saint Paul no final da autópsia — informou ele. — Acha que é possível?

— Não vejo nenhum problema em relação aos líquidos — respondeu Emery. — Sempre nos poupam a deslocação. Mas não posso ajudar-vos com as roupas. — Inclinou a cabeça na direção da vítima. — Ele estava nu quando o encontrámos, tal como o veem. E também estava limpo. O mesmo se aplica ao local. Sem sangue, sem sinais de luta, apenas o cadáver e um cheiro forte a lixívia. — Emery coçou a face esquerda, com a patilha a produzir

um som de lixa debaixo dos dedos. — O que tornou o luminol tão eficaz como uma luz negra numa *after-party* dos Grateful Dead. Todo o local ficou iluminado como um bastão luminoso.

Harry estremeceu. O luminol pode ser útil para revelar padrões de sangue, mas a sua reação química muitas vezes destrói outras provas. Ele preferia examinar primeiro o local do crime e usar o luminol como último recurso; mas se o local do homicídio de Weiss tinha sido lavado com lixívia, não restaria grande coisa para danificar.

Porém, Harry também sabia que nada desaparecia sem deixar vestígios.

— Não havia sangue debaixo da cabeça da vítima? — perguntou ele.

Emery observou o que restava de Weiss — a carne rosa-púrpura, os fragmentos brancos do crânio.

— Sim, havia sangue, mas nada de mais. Apenas um fio. Ou ele foi morto noutro local, ou quem o matou limpou tudo e fugiu antes que a pizza chegasse.

— A que horas foi encomendada e entregue? — perguntou Evangeline.

— Foi encomendada por volta das dez. A chamada foi feita do telefone fixo dele. — Emery esfregou a nuca. — Mas a tempestade atrasou tudo. A pizza só foi entregue pouco antes da meia-noite.

Harry olhou para os restos mortais de Peter Weiss. Unhas dos pés compridas, unhas das mãos curtas. Pelos púbicos, dos braços e das pernas grisalhos. Uma barriga inchada que sugeria ingestão de álcool regularmente, embora o resto do corpo fosse magro. Uma tatuagem visível: o demónio da Tasmânia no ombro. A orelha virada para a janela de visualização estava intacta e era a única parte da cabeça de Weiss que se mantinha mais ou menos onde devia estar.

Emery prosseguiu.

— Quem o deixou neste estado, todo esmagado, teve mais de duas horas para fazer o serviço, caso tenha começado logo após ele fazer o pedido.

Só que isso não batia certo. «Esmagado» teria implicado que a cabeça de Weiss ficasse achatada, destruindo a orelha ou, pelo menos, desviando-a para outro sítio.

— Pode enviar todas as fotos para o laboratório de Saint Paul? — inquiriu Harry.

Emery resmungou e entregou-lhe o ficheiro que mantivera nas mãos aquele tempo todo.

— Para já, tem aqui estas.

Harry abriu a pasta. A primeira fotografia era da carta de condução, com Weiss a olhar para a câmara sem sorrir, o cabelo grisalho cortado curto e um bigode espesso em forma de ferradura a emoldurar a boca.

Evangeline acenou com a cabeça.

— Os homens da região gostam de ter pelos na cara.

Emery estava prestes a cofiar novamente a sua magnífica patilha, mas baixou a mão.

Harry reprimiu um sorriso involuntário e passou para a fotografia seguinte. Weiss deitado de costas, com a cabeça destruída e a perna dobrada por baixo do corpo, numa imitação macabra do alongamento de um atleta. O piso de linóleo estava limpo, à exceção de uma pequena poça de sangue debaixo do crânio danificado. Mas havia algo estranho na lesão craniana, algo que Harry não conseguia identificar. Pediria a Deepty Singh, um dos dois cientistas no laboratório do BCA de Saint Paul em quem confiava plenamente, para ampliar as fotografias.

— Creio que já perceberam porque vos chamei, certo? — O tom de voz de Emery era descontraído, mas o seu maxilar estava tenso. — Está na cara, e o trocadilho é intencional, que isto remete para o Matty Marreta. O caso arquivado de 1998.

Evangeline lançou um olhar intencional a Harry.

O homicídio não resolvido da família Korhonen, ocorrido em Alku, uma vila a cerca de trinta quilómetros do sudoeste de Duluth, que assombrava a região Norte. Marido, mulher e três filhos com idades inferiores a 10 anos tinham sido assassinados enquanto dormiam: os cinco corpos estavam crivados de chumbo grosso e os crânios destruídos por traumatismo contundente. Fora esse o motivo que levava Harry a aceitar o caso. Não sabia nada sobre os pais, mas as crianças eram inocentes. Não teria sido capaz de devolver o ficheiro ao superintendente Chandler naquela manhã e virar costas, embora soubesse o que estava a arriscar ao voltar a Duluth.

*Tudo.*

Em vez disso, tinha verificado o conteúdo do saco que mantinha com o essencial no escritório para se certificar de que estaria preparado para o clima de Duluth e, em seguida, consultado os documentos antigos. O caso arquivado de Alku, tal como aquele, refletia o *modus operandi* do assassino em série mais famoso do Minnesota: Mathias Millard, também conhecido como Matty Marreta, assim chamado por ter assassinado cinco mulheres e dois homens com golpes de marreta, antes de ser capturado em 1990. Millard trabalhava como vendedor ambulante para a GrainLed, uma empresa de marketing multinível sediada na região do Midwest, conhecida pelas suas barras de cereais e vitaminas gigantes. Após a captura, afirmou que nunca tinha matado um cliente. Todas as suas vítimas eram pessoas a quem tinha dado boleia, levado para um local remoto na sua carrinha forrada com painéis de madeira, torturado, alvejado com uma espingarda e, em seguida, espancado com uma marreta de borracha até as suas cabeças ficarem num estado mais líquido do que sólido.

Tal como tinha acontecido com a família Korhonen.

O único problema em ligar Mathias Millard aos homicídios dos Korhonens prendia-se com o facto de ele estar atrás das grades na altura, preso a uma cama no lar de idosos de segurança média

do Carlton County Treatment Center, a norte de Alku, mudo e imóvel devido a um AVC que sofrera dois anos antes.

Não tinha sido identificado nenhum outro suspeito viável.

O homicídio em série tinha sido relegado para os arquivos de casos não resolvidos do Minnesota.

Onde ficara esquecido, até hoje.

## CAPÍTULO 4

Terminada a autópsia, Emery pediu a Evangeline e Harry que se encontrassem com ele e com o seu adjunto no Carlton County Treatment Center, ou CCTC, um quilómetro e meio a norte de Alku. Queria que eles estivessem presentes enquanto cumpria o seu dever de «entrevistar» Matty Marreta. Emery alegou que acompanhá-lo agora lhes pouparia tempo mais tarde, caso o BCA decidisse reabrir o caso dos Korhonens, uma decisão que só o superintendente Chandler poderia tomar.

Harry concordou.

Após a visita ao local, ele e Evangeline poderiam voltar para casa com a consciência tranquila, regressando à segurança dos arranha-céus e à certeza da ciência. Harry sabia que tinha sido um disparate ir até ali. O passado estava demasiado próximo. Quando ia a casa, voltava a ser a pessoa que tinha sido, para o bem e para o mal.

No caso dele, para muito, muito pior.

— Então, diz lá — disparou Evangeline enquanto conduzia.  
— Como é voltar a casa?

Como se tivesse lido a sua mente, *outra vez*. Foi por pouco que conseguiu evitar olhar de soslaio para ela. Quando foram emparceirados pela primeira vez na Costa Rica para investigar um suspeito de homicídio — um caso que ainda não estava resolvido, na opinião de Harry —, tinham passado mais tempo a tomar conta um do outro do que a investigar. No caso das Raptadas, ele tinha sido o seu contacto forense, mas a investigação havia sido toda dela. O homicídio de Weiss seria a primeira vez em que atuariam como parceiros em pé de igualdade, embora fosse uma investigação de curta duração. Só tinham sido chamados ao Norte

como consultores e para determinarem se valia a pena reabrir um caso que podia estar relacionado com o crime. Harry contava voltar para casa nessa mesma noite.

É claro que tinha pesquisado a folha de serviço dela na Polícia de Minneapolis antes de irem para a Costa Rica. Não fazia tentações de viajar para fora do país com uma desconhecida. Descobrira que ela tinha uma taxa de resolução excepcional. Sem advertências, sem manchas no seu currículo. No entanto, mais de um agente que interpelou sobre como era trabalhar com ela tentara avisá-lo de que Evangeline não era adequada. «Bruxa» fora a palavra usada. Ele não dera ouvidos. Harry Steinbeck não se envolvia em mexericos e muito menos em magia. Ainda assim, a maneira como ela parecia estar a par de factos que deveria desconhecer durante o caso das Raptadas e a forma como parecia ler os seus pensamentos, como naquele caso? Bom, isso eriçava-lhe os pelos da nuca. Manteve-se firme.

— Voltar a casa é bom.

Ela suspirou, mas não insistiu.

— Como queiras. — Prosseguiram em silêncio durante mais alguns minutos. Harry deu por si excessivamente preocupado em manter o pensamento ocupado. Evangeline não lia mentes. Era uma boa agente, só isso. — Calhou bem teres requisitado um veículo com tração às quatro rodas — disse ela, por fim.

Harry não tinha levantado entraves quando ela exigira as chaves antes de arrancarem para Alku. Na verdade, ficara surpreendido por ela o ter deixado guiar até Duluth. Não o levava a peito. Evangeline gostava de controlar todos os aspetos da sua vida, incluindo para onde conduzia. Se Harry tivesse sido criado por um homem que não permitia que os filhos escolhessem sequer as roupas que vestiam, provavelmente reagiria de forma semelhante.

— Não foi um *acaso* — disse ele, franzindo o sobrolho. — Consultei a previsão meteorológica antes de escolher.

O volante deu um sacão. As mãos de Harry voaram para o tabliê.

Quando olhou para Evangeline, viu-lhe um sorriso inocente nos lábios.

— Estradas escorregadias — desculpou-se.

A autoestrada brilhava de facto por causa do gelo, havendo meio metro de neve a cobrir as bermas. Se a temperatura continuasse acima de zero durante a semana, como previsto, as estradas em breve voltariam ao normal, com a neve a derreter como a cena de um filme em *stop-motion*.

Harry não tencionava estar ali para ver isso.

— Sabes alguma coisa sobre Alku, além do que ele nos contou? — indagou Evangeline, inclinando a cabeça em direção ao carro de Emery, que seguia à frente deles.

Durante a autópsia, o inspetor dera-lhes uma visão geral da vila onde os Korhonens tinham sido assassinados, a começar pelo facto de o seu nome verdadeiro ser Uusialku.

«Só mesmo os finlandeses para usarem todas as vogais que conseguirem numa só palavra», dissera o inspetor. Como Harry tinha erguido um sobrolho, Emery esclarecera o comentário. «O meu avô é finlandês. Posso fazer este tipo de piadas. Seja como for, todos, incluindo as pessoas que lá moram, chamam-lhe Alku. O CCTC, onde o Matty Marreta está a cumprir pena, é o único verdadeiro sustento da vila. Começou por ser um hospital, depois foi convertido numa instituição psiquiátrica e agora é um lar de terceira idade para assassinos condenados. Estão fisicamente incapacitados, mas não deixam de ser perigosos. A maioria dos habitantes de Alku trabalha no CCTC, incluindo os Korhonens adultos naquela época.»

«E incluindo o Peter Weiss antes de ser assassinado», murmurara Evangeline, enquanto via a patologista remover o coração de Weiss e colocá-lo na balança.

«Em 1998, chegaram a confirmar que o Sr. Millard não conseguia andar?», quisera saber Harry. Emery respondera que não.

«Não foi por falta de tentativas que não conseguiram atribuir os homicídios ao Matty, mas as suas pernas eram tão fortes como esparguete cozido quando a família Korhonen foi massacrada. Não consigo imaginar que estejam melhores, e é uma pena. As pessoas na minha área de trabalho têm estado ansiosas para resolver este caso. É o tipo de casos que se medem em carreiras, não em anos.»

Harry conhecia bem a dor lancinante de um homicídio por resolver. Todos os agentes da lei com alguns anos de serviço tinham pelo menos um. A dor era ainda maior quando as vítimas eram crianças.

«É possível que o Sr. Millard esteja a comunicar com alguém fora da prisão?», perguntara Harry. «Sei que ele não consegue falar, mas tem acesso a um computador?»

«O CCTC não permite que os reclusos usem computadores», esclarecera Emery, coçando as patilhas. Harry pensara no alívio que seria rapar aqueles pelos. «Os reclusos têm uma biblioteca. Têm um telefone público supervisionado. Têm noites de cinema, uma sala de exercício e um campo ao ar livre. Não têm Internet.»

Evangeline aclarou a voz, resgatando Harry do passado e trazendo-o de volta ao presente, ao SUV e ao calor que emanava da ventilação e espalhava o aroma doce e pegajoso do ambientador de baunilha que ela comprara num posto de gasolina durante a viagem.

— Harry? — chamou. — Perguntei se sabias mais alguma coisa sobre Alku.

— Desculpa. — Ele soltou o tabliê. Tinham passado alguns minutos desde a guinada de Evangeline, mas o seu corpo ainda não relaxara. — A minha mente divagou. Não sei muito mais do que o Emery nos disse. Uma vila pequena. Não recenseada, por isso não se sabe ao certo quantos habitantes tem, mas imagino que não sejam mais de quatrocentos. Quero fazer uma pesquisa mais aprofundada quando voltarmos para Saint Paul.

— Quando achas que vamos voltar?

Uma mancha verde ao longe anunciou que em breve chegariam ao perímetro de Alku.

— Se o encontro com o Sr. Millard não trouxer nenhuma surpresa, estaremos em casa antes da meia-noite. — O pensamento era um bálsamo para a sua alma. Ele iria *sobreviver* à visita. Regressaria à cidade ainda ele mesmo.

A versão atual de si mesmo.

Respeitaria o seu primeiro princípio, agarrando-se à estruturação e seguindo as regras, mas fá-lo-ia rapidamente, porque tudo lhe parecia gritar que fugisse daquela zona o mais depressa possível. O cheiro do Lake Superior a descongelar na primavera, a vista impressionante da Aerial Lift Bridge ao entrarem em Duluth, as buzinas estridentes das barcaças a entrarem num dos maiores portos interiores do mundo.

Tudo aquilo lhe lembrava que era ele o motivo pelo qual a sua irmã nunca fora encontrada.

## É preciso uma vila para se criar um monstro.

**Alku, Minnesota, 1998:** uma família de cinco pessoas é brutalmente assassinada enquanto dorme. Ainda que provocando o pânico na vila, sem provas concretas, o caso acaba arquivado pelas autoridades, permanecendo esquecido durante vinte e cinco anos. Até hoje.

Harry Steinbeck não tencionava regressar a Alku, um lugar assombrado pelo rapto da sua irmã, mas, em virtude de um novo homicídio, o qual poderá estar relacionado com o que se passou há mais de duas décadas, o metódico cientista forense, em conjunto com a irreverente inspetora Van Reed, não pode deixar de investigar.

A investigação, todavia, ganha contornos ainda mais macabros, pois, uma a uma, as crianças começam a desaparecer da vila, e à medida que se parecem aproximar de uma verdade muito mais sinistra do que o que se pensava, Harry e Van não conseguem deixar de sentir que alguém observa cada um dos seus passos.



«Uma história poderosa sobre trauma e o lado mais obscuro da natureza humana, cheia de mistérios por revelar.»

*Publishers Weekly*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-506-0



9 789895 895960